

AMARTYA SEN E BERNARDO KLIKSBERG

As pessoas em primeiro lugar

*A ética do desenvolvimento
e os problemas do mundo globalizado*

Tradução

Bernardo Ajzenberg

Carlos Eduardo Lins da Silva



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2007 by Bernardo Kliksberg e Amartya Sen

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Obra editada no âmbito do Programa “Sur” de Apoio a Traduções do Ministério das Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da República Argentina.

Título original

Primero la gente — Una mirada desde la ética del desarrollo a los principales problemas del mundo globalizado

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

<completar>

Revisão técnica

Ricardo Doninelli Mendes

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Angela das Neves

Huendel Viana

Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Sen, Amartya

As pessoas em primeiro lugar : a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado / Amartya Sen e Bernardo Kliksberg ; tradução Bernardo Ajzenberg, Carlos Eduardo Lins da Silva. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Primero la gente : una mirada desde la ética del desarrollo a los principales problemas del mundo globalizado.

ISBN 978-85-359-1664-5

1. Desenvolvimento econômico – Aspectos morais e ético
2. Desenvolvimento econômico – Aspectos sociais 3. Globalização
I. Kliksberg, Bernardo. II. Título.

10-03261

CDD-338

Índice para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento econômico e social 338

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução 7

PRIMEIRA PARTE: TEMAS-CHAVE DO SÉCULO XXI 15

Amartya Sen

1. Como julgar a globalização 17
2. Exclusão e inclusão 33
3. Qual é o propósito da democracia? 52
4. Por que devemos preservar a coruja pintada 64
5. Por que equidade na saúde? 73
6. Mortalidade como um indicador de sucesso e fracasso econômico 94

SEGUNDA PARTE: OS DESAFIOS ÉTICOS DE UM CONTINENTE
PARADOXAL 137

Bernardo Kliksberg

7. O que significa viver na América Latina, a mais desigual das regiões? O caso da saúde pública 139
8. Mitos sobre a juventude latino-americana 212

9. Como enfrentar o crescimento da insegurança urbana na América Latina? As lógicas em conflito 259
10. Por que a cultura é fundamental para o desenvolvimento? 302
11. Sete teses sobre o voluntariado na América Latina 334
12. O papel da responsabilidade social empresarial na crise 354

UMA REFLEXÃO ADICIONAL 377

Bernardo Kliksberg

13. As religiões e a dívida social do nosso tempo 379

PRIMEIRA PARTE
TEMAS-CHAVE DO SÉCULO XXI

Amartya Sen

1. Como julgar a globalização

A globalização é vista frequentemente como uma ocidentalização globalizada. Nesse ponto, tanto seus defensores quanto seus opositores estão substancialmente de acordo. Os que têm uma visão otimista da globalização a consideram uma contribuição maravilhosa da civilização ocidental para o mundo. Há uma história simpaticamente estilizada na qual os grandes desenvolvimentos mundiais aconteceram na Europa: primeiro veio a Renascença, depois o Iluminismo e então a Revolução Industrial, que proporcionaram uma grande melhoria dos padrões de vida no Ocidente. E, agora, as grandes conquistas do Ocidente estão se espalhando pelo mundo. Nessa visão, a globalização não é apenas boa, é também um presente do Ocidente para o mundo. Os entusiastas dessa leitura da história tendem a se sentir frustrados não só quando esse grande benefício é visto como uma maldição, mas também quando é desvalorizado e criticado pela ingratidão do mundo.

Sob o ponto de vista oposto, o domínio do Ocidente — às vezes encarado como uma continuação do imperialismo ocidental — é o grande vilão da história. De acordo com essa visão, o

capitalismo contemporâneo, dirigido e liderado por países ocidentais ambiciosos e agressivos da Europa e da América do Norte, tem estabelecido regras de comércio exterior e relações de negócios que não atendem aos interesses das populações mais pobres do mundo. O louvor a diversas identidades não ocidentais — definidas por religião (como o islamismo fundamentalista), região (como a defesa dos valores asiáticos) ou cultura (como a glorificação da ética do confucionismo) — pode jogar mais lenha na fogueira do confronto do Oriente com o Ocidente.

Mas será que a globalização é mesmo uma nova maldição do Ocidente? Na verdade, ela nem é nova nem necessariamente ocidental; e não é nenhuma maldição. Por milhares de anos, a globalização tem contribuído para o progresso do mundo por meio da viagem, do comércio, da migração, da difusão de influências culturais e da disseminação do conhecimento e do saber (inclusive o científico e o tecnológico). Essas inter-relações globais têm sido, com frequência, muito produtivas no desenvolvimento de vários países. E não têm necessariamente tomado a forma de influência ocidental crescente. Na verdade, os agentes ativos da globalização não raramente se localizam bem longe do Ocidente.

Como ilustração, considere o mundo no início do último milênio, em vez de no seu final. Por volta do ano 1000, o alcance global da ciência, da tecnologia e da matemática estava mudando a natureza do Velho Mundo, mas a disseminação naquela época era, em grande parte, na direção oposta da que vemos atualmente. A alta tecnologia do mundo do ano 1000 incluía o papel, a tipografia, a balestra, a pólvora, a ponte suspensa por corrente de ferro, a pipa, a bússola, o carrinho de mão e a ventoinha giratória. Mil anos atrás, esses itens eram amplamente usados na China — e totalmente desconhecidos em qualquer outro lugar. A globalização tratou de espalhá-los por todo o mundo, inclusive pela Europa.

Um movimento similar ocorreu na influência do Oriente sobre a matemática do Ocidente. O sistema decimal emergiu e tornou-se bem desenvolvido na Índia entre os séculos II e VI e passou a ser usado por matemáticos árabes logo depois. Essas inovações matemáticas chegaram à Europa principalmente no último quarto do século X e passaram a exercer um impacto sobre os primeiros anos do milênio passado, desempenhando um papel importante na revolução científica que ajudou a transformar a Europa.

Os agentes da globalização não são exclusivamente nem europeus nem ocidentais, nem são necessariamente ligados à dominação ocidental. De fato, a Europa teria sido muito mais pobre — econômica, cultural e cientificamente — se tivesse resistido à globalização da matemática, da ciência e da tecnologia naquela época. E, hoje, o mesmo princípio é aplicável, embora na direção oposta (do Ocidente para o Oriente). Rejeitar a globalização da ciência e da tecnologia porque ela representa a influência e o imperialismo ocidentais não apenas significa negligenciar as contribuições globais — vindas de várias partes do mundo — que estão solidamente por trás de toda ciência e tecnologia chamadas ocidentais, mas também é uma decisão bastante tola do ponto de vista prático, dada a extensão de quanto o mundo inteiro pode se beneficiar com o processo.

UMA HERANÇA GLOBAL

Ao resistir ao diagnóstico da globalização como fenômeno de quintessência originalmente ocidental, precisamos suspeitar não apenas da retórica antiocidental, mas também do chauvinismo pró-ocidental em muitos textos contemporâneos. Certamente, a Renascença, o Iluminismo e a Revolução Industrial foram grandes conquistas — e ocorreram principalmente na Europa e,

mais tarde, nas Américas. No entanto, grande parte desses desenvolvimentos baseou-se na experiência do resto do mundo, em vez de ter se confinado dentro das fronteiras de uma tímida civilização ocidental.

Nossa civilização global é uma herança do mundo — e não apenas uma coleção de culturas locais discrepantes. Quando um matemático moderno em Boston invoca um algoritmo para resolver um problema de cálculo difícil, ele pode não saber que está ajudando a homenagear o matemático árabe Mohammad Ibn Musa-al-Khwarizmi, que viveu na primeira metade do século IX (a palavra “algoritmo” deriva do nome al-Khwarizmi). Há uma corrente de relações intelectuais que unem a matemática e a ciência ocidentais a uma quantidade de estudiosos distintamente não ocidentais, sendo al-Khwarizmi apenas um deles (o termo “álgebra” deriva do título de sua obra famosa *Al-Jabr wa-al-Muqabalah*). De fato, al-Khwarizmi é um dos muitos contribuintes não ocidentais cujas obras influenciaram a Renascença europeia e, mais tarde, o Iluminismo e a Revolução Industrial. O Ocidente merece crédito total pelas extraordinárias conquistas que ocorreram na Europa e na América europeizada, mas a ideia de uma concepção ocidental imaculada é pura fantasia da imaginação.

Não apenas o progresso da ciência e da tecnologia globais não é um fenômeno exclusivamente conduzido pelo Ocidente, como existiram desenvolvimentos globais da maior importância nos quais o Ocidente nem sequer esteve envolvido. A impressão do primeiro livro no mundo foi um evento maravilhosamente globalizado. A tecnologia da tipografia foi, claro, uma conquista inteiramente chinesa. Mas o conteúdo veio de outro lugar. O primeiro livro impresso foi um tratado indiano escrito originalmente em sânscrito e traduzido para o chinês por um meio turco. O livro *Vajracchedika Prajnaparamitasutra* (às vezes chamado de *Sutra diamante*) é um antigo tratado sobre o budismo; foi traduzido

do sânscrito para o chinês no século v por Kumarajiva, um estudioso meio indiano, meio turco que viveu em uma parte do Turquistão Oriental* chamada Kucha e que mais tarde emigrou para a China. A obra foi impressa quatro séculos depois, em 868 d.C. Todo esse processo envolvendo China, Turquia e Índia é com certeza globalização, mas o Ocidente não está nem mesmo à vista.

INTERDEPENDÊNCIAS E MOVIMENTOS GLOBAIS

O diagnóstico incorreto de que se deve resistir à globalização de ideias e práticas porque ela leva à temível ocidentalização tem desempenhado um papel consideravelmente regressivo no mundo colonial e pós-colonial. Esse pressuposto incita tendências provincianas e solapa a possibilidade de objetividade na ciência e no conhecimento. Ele não é apenas contraproducente em si mesmo; dadas as interações globais através da história, ele pode também levar as sociedades não ocidentais a dar um tiro no próprio pé — até mesmo no precioso pé de sua cultura.

Considere a resistência na Índia à utilização das ideias e conceitos ocidentais na ciência e na matemática. Durante o século XIX, esse debate fazia parte da controvérsia mais ampla entre educação ocidental *versus* educação indiana nativa. Agentes da “ocidentalização”, como o ilustre Thomas Babington Macaulay,** não viam mérito algum na tradição indiana. “Nunca encontrei um sequer entre eles [os defensores da tradição indiana] que pudesse negar que uma única prateleira de uma boa biblioteca europeia

* O Turquistão Oriental fica atualmente na província de Xinjiang, região noroeste da China. (N. T.)

** Macaulay (1800-59), poeta, historiador e político britânico, teve grande relevância na Índia colonial por ter instituído o uso obrigatório do inglês em vez de sânscrito ou árabe nas escolas indianas a partir da sexta série. (N. T.)